

Artigo

A obra *O outono do patriarca* (1975) de Gabriel García Márquez: aproximações com o Brasil contemporâneo: aproximações com o Brasil contemporâneo

The work The Autumn of the Patriarch (1975) by Gabriel García Márquez: approaches to contemporary Brazil

Beatriz Leal¹ 

¹ Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

RESUMO

A literatura, assim como a história, possui vínculos com o poder. Ambas se dedicam a abordar os acontecimentos do passado, influenciando a interpretação do presente e a invenção do futuro. A partir dessa compreensão, o presente artigo propõe uma leitura do livro *O outono do patriarca* (1975), de Gabriel García Márquez, com o objetivo de articulá-lo com os acontecimentos do Brasil contemporâneo. Em especial, as aproximações entre o protagonista da obra e o mais recente ex-presidente do Estado brasileiro, Jair Bolsonaro. O referido livro consiste na principal fonte deste trabalho. Articulou-se, também, referências bibliográficas sobre o tema e conteúdo jornalístico acerca do ex-presidente, após sua derrota nas eleições de outubro de 2022. O presente texto encontra-se dividido em quatro seções principais: 1) reflete sobre a relação entre literatura, história e poder na América Latina, 2) é dedicada a García Márquez, 3) traz aspectos gerais da obra em questão e 4) discorre sobre a relação entre ambas as figuras políticas. Sobre resultados, o estudo buscou demonstrar o vínculo existente entre literatura, história e poder, na relação com a memória e o esquecimento.

Palavras-chave: América Latina; Autoritarismo; Literatura; História; Memória

ABSTRACT

Literature, like History, has ties with Power. Both are dedicated to addressing the events of the past, influencing the interpretation of the present and the invention of the future. Based on this understanding, this article proposes a reading of the book *The Autumn of the Patriarch* (1975), by Gabriel García Márquez, with the aim of articulating it with the events of a contemporary Brazil. In particular, the possible similarities between the protagonist of the book and the most recent former president

of Brazil: Jair Bolsonaro. Márquez's work is the main source referenced by this paper. Bibliographical literature on the subject and journalistic content about the former president after his defeat in the October 2022 elections were also articulated. This text is divided into four main sections: 1) reflects on the relation between Literature, History and Power in Latin America, 2) dedicates itself to García Márquez, 3) presents general aspects of the work in question and 4) discusses the relationship between both political figures. Regarding results, the study sought to demonstrate the existing link between Literature, History and Power.

Keywords: Latin America; Authoritarianism; Literature; History; Memory

1 INTRODUÇÃO

A literatura pode ser considerada uma forma de representação social e histórica. Responsável por retratar múltiplos aspectos do campo social no qual está inserida e ao qual se refere, a literatura representa um instrumento de reprodução de hábitos, atitudes, sentimentos, ideias, inquietações e expectativas de determinado contexto sócio histórico. Ao mesmo tempo em que propõe projetos, valores, regras e formas de sentir.

No contexto da América Latina, a literatura foi, anteriormente, o lugar metafísico onde se projetaram os valores necessários para a consolidação dos Estados Nacionais incipientes, após a recém independência de muitas nações da região. Porém, a partir do final do século XIX, a crise desse sistema cultural começou a se revelar. Na tentativa de limitar o alcance do poder Estatal, muitos autores tentaram construir um lugar de enunciação puramente literário, diferenciando-se das produções anteriores. Ainda assim, foi somente a partir da década de 1960, que a problematização da relação entre literatura e poder tornou-se um movimento mais organizado e unificado, de inúmeras publicações, e que pôde ser observado na crítica latino-americana. As denúncias feitas por esse movimento vão, também, diretamente de encontro à crítica ao projeto modernizador e às atribuições impostas por ele à literatura.

Um dos autores que integrou tal movimento foi Gabriel García Márquez. Ocupando um lugar de destaque não só na literatura latino-americana, García Márquez teve uma grande influência na historiografia da Colômbia e da América Latina como um

todo. Seus livros propuseram múltiplas leituras das particularidades histórico-culturais da região, sobretudo, no que se refere à política latino-americana.

O primeiro romance de García Márquez, após a publicação do renomado *Cem anos de solidão* (1967), foi: *O outono do patriarca* (1975). A obra tem como protagonista um impossivelmente velho ditador, de um país latino-americano incerto, à beira do mar do Caribe. O romance aborda o “outono” desse general, seus últimos meses até a chegada do inverno – ou melhor, da sua verdadeira morte. Em suma, *O outono do patriarca* (1975) corresponde a um trabalho literário sobre a solidão do poder.

García Márquez escreveu essa obra em meio a escalada de regimes totalitários, ao longo da segunda metade do século XX; sobretudo, os golpes de Estado da década de 1960 e 1970 na América Latina. Devido às suas características, portanto, *O outono do patriarca* (1975) foi associado tanto ao realismo mágico, que marcou o boom literário latino-americano, quanto ao romance histórico (ou novo romance histórico), e ao gênero tipicamente latino-americano – o romance de ditador.

A partir dessa compreensão, o presente artigo tem como objetivo abordar *O outono do patriarca* (1975) na sua relação com os recentes acontecimentos do Brasil. Em especial, as aproximações entre o protagonista da obra e Jair Bolsonaro, o qual foi presidente do Estado brasileiro entre os anos de 2018 e 2022.

Dessa forma, este artigo encontra-se dividido em mais quatro principais seções. A primeira reflete sobre a relação entre literatura, história e seu vínculo com o poder na América Latina. A seguinte é dedicada a García Márquez, enquanto autor da obra analisada. A terceira traz alguns aspectos gerais da última. E, por fim, a relação entre as figuras dos dois líderes políticos (um da ficção e outro da realidade) é mencionada. Como fontes, além do próprio livro, referências bibliográficas sobre o tema do trabalho e peças jornalísticas sobre o posicionamento de Bolsonaro, após a sua derrota nas eleições de outubro de 2022, foram utilizadas. Nas considerações finais, o presente trabalho volta-se para o vínculo existente entre literatura, história e poder; em específico, a relação especial que esses estabelecem com a memória e com o esquecimento.

2 LITERATURA, HISTÓRIA E PODER NA AMÉRICA LATINA

Antonio Candido (2011, p. 176) entende literatura enquanto “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”. Tal afirmação aproxima-se do desenvolvido por Valdeci Borges no artigo *História e Literatura: Algumas Considerações* (2010). Para o autor, no universo dos bens culturais, a literatura pode ser considerada uma forma de representação social e histórica. Na posição de uma testemunha excepcional de sua época, a literatura consiste em um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas e as diversas questões que determinam e envolvem as sociedades em cada tempo histórico. A literatura evidencia a historicidade das experiências de construção de uma sociedade, em conjunto com todo o seu aparato mental e simbólico (Borges, 2010).

Nesse prisma, a literatura retrata múltiplos aspectos do campo social no qual está inserida e ao qual se refere. Ela constitui-se a partir do mundo sócio-cultural, da mesma forma que detém o poder de formá-lo. Ou seja, a literatura é um instrumento de reprodução de hábitos, atitudes, sentimentos, ideias, inquietações e expectativas de determinado contexto sócio-histórico, ao mesmo tempo em que propõe projetos, valores, regras e formas de sentir. Para Borges (2010, p. 99), a literatura é “uma reflexão sobre o que existe e projeção do que poderá vir a existir; registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro”.

A literatura carrega as questões de um tempo e as marcas de um povo e de um lugar, de suas questões e de sua cultura. No que diz respeito, em específico, à literatura na América Latina, diferentemente do que essa arte possa representar, hoje, para a região, anteriormente, as letras ocupavam um lugar central na organização das novas sociedades latino-americanas. A literatura foi o lugar metafísico onde se projetaram os modelos de comportamento, as normas necessárias à invenção da cidadania, os limites, as fronteiras simbólicas e o mapa imaginário dos Estados em processo de formação. Em muitas nações latino-americanas recém independentes e que estavam no processo de consolidar os seus Estados Nacionais, a literatura foi, acima de tudo, a representante do modelo ideal de uma língua nacional e racionalmente homogeneizada (Ramos, 2021).

Foi no final do século XIX que os textos literários começaram a revelar a crise desse sistema cultural, confirmando o surgimento de um novo discurso sobre a literatura. Esse discurso encontrava-se comprometido com, ao menos, tentar determinar os limites da autoridade Estatal. Isto é, estes escritores buscavam cultivar um lugar de enunciação precisamente literária; diferenciando o papel dessa literatura emergente das produções anteriores. Nestes prólogos, a relação entre literatura e Estado era, frequentemente, problematizada (Ramos, 2021).

Na realidade, a concepção da literatura enquanto uma ferramenta do Estado relaciona-se com a relação entre literatura e poder na modernidade. Devido à influência dos preceitos do Iluminismo à época, a escrita apresentava-se como uma espécie de máquina que procurava transformar o “caos” da natureza “bárbara” em valor subordinado aos dispositivos da lei. Nesse sentido, a literatura ocupava um lugar impreciso num mundo orientado à produtividade e dominado por discursos de modernização e progresso (Ramos, 2021).

No entanto, esse novo movimento literário latino-americano enxergava a literatura como crítica ao projeto de modernização, voltando o seu olhar para a turbulência, para a irregularidade; se posicionando de forma contrária às redensões teóricas e formais endossadas pelo sonho modernizador. Nessa perspectiva, frente ao conhecimento formal cultivado pela racionalização moderna, o saber alternativo da arte possuía extremo valor, se mostrando capaz de projetar a harmonia futura. Para estes autores, a autoridade da literatura encontrava-se, justamente, na resistência oferecida por ela aos fluxos da modernização (Ramos, 2021).

Em suma, esse fenômeno representava não só um efeito da modernidade, como foi, também, uma condição que contribuiu para a autonomização e a inovação literária na América Latina. Sua crítica abstrata e essencialista da modernidade e do capitalismo (estrangeiro) garantiu a esse novo movimento literário uma autoridade social notável; atraindo, inclusive, setores das classes dominantes latino-americanas, as quais se viam inseridas em uma modernização que trouxe dependência econômica e política para a região.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, esse movimento permaneceu na margem da cena literária latino-americana. Como uma das primeiras reflexões sobre a relação entre literatura e poder na modernidade, o texto Prólogo al Poema del Niágara (1882) de José Martí é citado. Crítico às atribuições iluministas conferidas à literatura, e defensor do saber alternativo da arte e da obra literária enquanto resistência às imposições da modernidade, Martí (1975, p. 10, tradução própria¹) escreve a emblemática frase que parece sumarizar tal entendimento: “Uma tempestade é mais bonita que uma locomotiva”.

Nesse prisma, segundo Hugo Prado (2021, p. 15), foi somente a partir da década de 1960 que um movimento de inúmeras produções literárias, questionando o protagonismo conferido, historicamente, à função integradora da literatura, pôde ser observado na crítica latino-americana. O último denunciava, sobretudo, as estratégias de legitimação propagadas através da literatura em razão do seu vínculo com o poder, com a vontade racionalizadora da cultura e com a consolidação dos Estados-Nação. Entre eles, cita-se Gabriel García Márquez.

3 SOBRE O AUTOR

García Márquez (1927-2014), também conhecido como “Gabo”, nasceu na cidade de Aracataca, na Colômbia. Iniciou sua carreira como jornalista, mas foi, também, escritor, roteirista e crítico. No que se refere a sua produção literária, publicou uma vasta obra composta por romances, livros de contos, reportagens jornalísticas, crônicas e livros infantis. Seu primeiro romance foi *La hojarasca* (1955), seguido por: *El coronel no tiene quien le escriba* (1961), *La mala hora* (1965), *Cien años de soledad* (1967), *El otoño del patriarca* (1975), *Crónica de una muerte anunciada* (1981), *El amor en los tiempos del cólera* (1985), *El general en su laberinto* (1989), *Doce cuentos peregrinos* (1992), *Del amor y otros demonios* (1994), *Noticia de un secuestro* (1996), *Memoria de mis putas tristes* (2004), entre outros.

García Márquez foi laureado com o Nobel de Literatura em 1982, pelo conjunto de sua obra, e, em especial, pelo romance *Cem anos de solidão*. Publicada em 1967, a

¹ “Una tempestad es más bella que una locomotora”.

obra tornou o autor conhecido mundialmente. Considera-se García Márquez um dos escritores mais admirados e traduzidos no mundo, vendendo mais de 40 milhões de livros em 36 idiomas.

Ocupando um lugar de destaque não só na literatura latino-americana, García Márquez teve uma grande influência na historiografia da Colômbia, bem como da América Latina no geral. Seus livros propuseram múltiplas leituras das particularidades histórico-culturais da região. Nas palavras de Michelle Torre, García Márquez refletiu sobre a política da Colômbia e da América Latina, seus caminhos e descaminhos. Além disso, inspirou-se “na realidade cotidiana, nas histórias contadas pelas pessoas simples, mas também na Literatura universal e nos grandes acontecimentos do século XX, que afetaram o continente” (Torre, 2011, p. 8).

É fato que o tema da denúncia social jamais foi abandonado por García Márquez. Interessantemente, porém, ao mesmo tempo que ele se considerava alguém, pessoalmente, comprometido com a política, não encaixava a sua produção literária no que ficou conhecido como “literatura engajada”. Em Cheiro de Goiaba: Conversas com Plinio Apuleyo Mendoza, García Márquez escreveu:

Nas minhas opções políticas pessoais, sou um homem comprometido, comprometido politicamente. [...] Eu quero que o mundo seja socialista. [...] Mas tenho muitas ressalvas sobre o que entre nós veio a ser chamado de literatura comprometida [ou engajada], ou mais precisamente o romance social, que é o ponto culminante dessa literatura, porque me parece que sua visão limitada de mundo e da vida não serviu, politicamente falando, de nada. Os latino-americanos esperam de um romance algo mais do que a revelação de opressões e injustiças que conhecem muito bem. Muitos amigos militantes que se sentem, com frequência, compelidos a ditar regras aos escritores sobre o que deve ou não ser escrito, assumem, talvez sem perceber, uma posição reacionária, na medida em que estão impondo restrições à liberdade de criação. Acho que um romance de amor é tão válido quanto qualquer outro. Na verdade, o dever de um escritor, e o dever revolucionário, se assim quiser, é escrever bem (2020, p. 41, grifos próprios, tradução própria²).

² “En mis opciones políticas personales soy un hombre comprometido, políticamente comprometido. [...] Quiero que el mundo sea socialista. [...] Pero tengo muchas reservas sobre lo que entre nosotros se dio en llamar literatura comprometida, o más exactamente la novela social, que es el punto culminante de esta literatura, porque me parece que su visión limitada del mundo y de la vida no ha servido, políticamente

Essa declaração de García Márquez parece se aproximar, justamente, do trazido pelo autor em *O outono do patriarca* (1975). Em uma obra cujo conteúdo é explicitamente político, García Márquez procurou, ao mesmo tempo, humanizar a figura do patriarca – coisa pela qual ele foi, posteriormente, criticado.

4 SOBRE A OBRA

O outono do patriarca foi publicado pela primeira vez em 1975, ano em que faleceu Francisco Franco, general militar que impôs o regime ditatorial franquista na Espanha. A obra foi escrita durante o exílio de García Márquez em Barcelona. De início, o romance recebeu bastante atenção na mídia internacional. Por exemplo, o jornal estadunidense *The New Yorker* publicou trechos da obra em sua versão impressa. No entanto, não muito tempo depois, a publicação apresentou uma receptibilidade um tanto quanto ambígua aos olhos da crítica. Tratando-se do primeiro romance de García Márquez após o sucesso de *Cem anos de solidão* (1967), a expectativa era pelo lançamento de uma espécie de “volume II” de último.

Cem anos de solidão inaugurou o que ficou conhecido como “boom” dos romances latino-americanos. De acordo com Alexandre Queiroz (2015), nesse boom, a vertente literária “realismo mágico” foi comumente utilizada pelos romancistas da América Latina em suas obras. O pioneiro *Cem anos de solidão* (1967), somado a outros livros seus, garantiu a García Márquez o título de grande ícone do realismo mágico na América Latina. O autor possuía uma habilidade ímpar para intercalar realismo e fantasia. Luciano Simão (2021, p. 2) define que García Márquez foi um arquiteto de mundos extraordinários, em que tais opostos coexistem em uma simbiose eterna e paradoxal. O efeito do uso combinado desses elementos costuma ser “o fantástico realçado pelo realismo e a realidade realçada pelo fantástico, resultando em um conjunto final que não é um, nem outro, mas que eleva o poderoso efeito artístico e literário de ambos”.

hablando, de nada. Los latinoamericanos esperan de una novela algo más que la revelación de opresiones e injusticias que conocen de sobra. Muchos amigos militantes que se sienten con frecuencia obligados a dictar normas a los escritores sobre lo que se debe o no se debe escribir, asumen, quizás sin darse cuenta, una posición reaccionaria en la medida en que están imponiéndole restricciones a la libertad de creación. Pienso que una novela de amor es tan válida como cualquier otra. En realidad, el deber de un escritor, y el deber revolucionario, si se quiere, es el de escribir bien”.

Sobre esse tópico, no livro *Duas solidões: Um diálogo sobre o romance na América Latina*, em suas conversas com Vargas Llosa, García Márquez, referenciando o episódio que ficou conhecido na história como “Massacre das Bananeiras”, afirma que o que acontece na América Latina, com frequência, parece fantástico. Mas, na realidade, costuma ser tirado da mais miserável realidade cotidiana. “Começamos a procurar exemplos e encontramos milhares” (Márquez; Llosa, 2022, p. 58). Por vezes, quando a realidade é tamanhamente absurda, mostra-se mais eficiente recorrer ao absurdo para retratá-la.

Em Cheiro de Goiaba, García Márquez (2020, p. 44) refere-se a *O outono do patriarca* (1975) como um trabalho literário sobre a solidão do poder. Inclusive, uma das críticas feitas ao romance, foi a de que García Márquez estaria humanizando por demasiado a figura do ditador. Como exemplo, há a resenha de Julio Jamón Ribeyro, na revista *Eco*, e o trabalho de Michael Wood, escrito na *The New York Review of Books*. A posição de García Márquez pareceu ser, contudo, mais ambivalente. Em suas conversas com Plinio Apuleyo, García Márquez traça uma ponte entre a solidão do poder e a solidão trazida pela fama. A qual ele veio a conhecer em razão do sucesso de *Cem anos de solidão* (1967). O autor diz:

A estratégia para conservar o poder, como para se defender da fama, terminam por se parecer. Isso é, em parte, a causa da solidão em ambos os casos. [...] A grande pergunta no poder e na fama seria, então, a mesma: “Em quem acreditar?” A qual, levada a seus extremos delirantes, teria que conduzir à pergunta final: “Quem diabos sou eu?”. A consciência deste risco, que eu não teria conhecido se não fosse um escritor famoso, me ajudou muito, é claro, na criação de um patriarca que já não conhece, talvez, nem seu próprio nome. E é impossível, neste jogo de ida e volta, de toma-lá e dá-cá, que um autor não termine por ser solidário com seu personagem, por mais detestável que este pareça (2020, p. 62, tradução própria³).

³ “La estrategia para conservar el poder, como para defenderse de la fama, terminan por parecerse. Esto es en parte la causa de la soledad en ambos casos. [...] La gran pregunta en el poder y en la fama sería entonces la misma: “¿A quién creerle?”. La cual, llevada a sus extremos delirantes, tendría que conducir a la pregunta final: “¿Quién carajo soy yo?”. La conciencia de este riesgo, que yo no hubiera conocido de no ser un escritor famoso, me ayudó mucho, por supuesto, en la creación de un patriarca que ya no conoce, tal vez, ni su propio nombre. Y es imposible, en este juego de ida y regreso, de toma y daca, que un autor no termine por ser solidario con su personaje, por muy detestable que este parezca”.

Posicionando o patriarca no lugar de protagonista da obra, O outono... (1975) foi associado – além de ao realismo mágico – a outro estilo literário: o romance de ditador. A necessidade de representação do tema do poder absoluto na literatura da América Latina se dá pela recorrência sintomática desse tema na história dos países da região. Dessa forma, explica Gilberto Oliveira Neto (2020, p. 118), os romances de ditadores podem ser entendidos como um gênero tipicamente latino-americano. A publicação responsável por inaugurá-lo teria sido a obra *Senhor Presidente*, de Miguel Ángel Asturias, publicada em 1946. Além dela, há *O recurso do método* (1974) de Alejo Carpentier; *Eu, o Supremo*, escrita por Augusto Roa Bastos e publicada em 1974; *A festa do bode*, de Mario Vargas Llosa, de 2000; entre outros.

O outono do patriarca (1975) é composto por seis capítulos, cada um contendo apenas um parágrafo. O livro conta com escassa pontuação e os capítulos-parágrafo entregam uma leitura “corrida” para o leitor, de modo que quase não há uma pausa no texto. Talvez, no intuito de demonstrar a rapidez, o dinamismo e a sobreposição com a qual os acontecimentos ocorrem nas sociedades latino-americanas. A obra não conta apenas com um único narrador, alternando entre longas seções de narração onisciente em terceira pessoa, pensamentos e falas do ditador em primeira pessoa e diversos testemunhos de diferentes figuras daquele país latino-americano incerto. Para Simão (2021, p. 8), o narrador representa a amálgama da própria nação, uma espécie de consciência múltipla da experiência coletiva de repressão social e autoritarismo.

4.1 PRINCIPAIS ASPECTOS

O outono do patriarca (1975) tem como protagonista um centenário ditador de um país latino-americano incerto, uma terra tropical e pulsante à beira do mar do Caribe⁴. O personagem presenciou a chegada das caravelas de Colombo, lutou na guerra civil entre conservadores e liberais, e assistiu ao desembarque dos fuzileiros

⁴ García Márquez (2020, p. 60) chegou a confirmar a geografia do romance em Cheiro de Goiaba; como o país do ditador sendo um país do Caribe. De acordo com Torre (2017, p. 192), encontram-se múltiplas referências à costa atlântica da Colômbia e ao Caribe nas obras de García Márquez – como em *Cem anos de solidão* (1947) e em *O general em seu labirinto* (1989).

navais norte-americanos. De idade indefinida (entre 107 e 232 anos), trata-se, portanto, de um homem impossivelmente velho (Márquez, 1975, p. 2-3):

Foi como penetrar no espaço de outra época, porque o ar era mais ténue nos poços de escombros do vasto covil do poder, e o silêncio era mais antigo, e as coisas eram custosamente visíveis na luz decrépita [...] e ali o vimos a ele, com o uniforme de cotim sem insígnias, as polainas, a espora de ouro no calcanhar esquerdo, mais velho do que todos os homens e do que todos os animais velhos da terra e da água.

Sua longevidade tornou-o, inclusive, mais velho do que as memórias da própria população.

Só quando o viramos para ver-lhe a cara compreendemos que era impossível reconhecê-lo, mesmo que não estivesse carcomido de auras, porque nenhum de nós o tinha visto nunca, e, embora o seu perfil estivesse em ambos os lados das moedas, nos selos de correio, nas etiquetas dos depurativos, nas fundas herniárias e nos escapulários e até a sua litografia emoldurada com a bandeira no peito e o dragão da pátria estivesse exposta a toda a hora em toda a parte, sabíamos que eram cópias de cópias que já se consideravam infiéis nos tempos do cometa, quando os nossos próprios pais sabiam quem ele era porque tinham ouvido contar aos seus, como estes aos deles, e desde crianças nos acostumaram a acreditar que ele estava vivo na casa do poder (Márquez, 1975, p. 3).

O patriarca passa a ser considerado, então, como o líder eterno daquela nação. De acordo com Torre (2017, p. 186), tal percepção é sustentada por um discurso de fundação, isto é, de que antes dele tudo o que havia eram as incertezas de um período obscuro. A elaboração da narrativa de que o tirano teria imposto a ordem e a civilização no país funcionava como uma justificativa para o governo desse ditador latino-americano – e seus excessos.

Automaticamente, o patriarca apresentava-se, portanto, como o líder “natural” do Estado caribenho (Márquez, 1975, p. 3).

sabíamos que ele estava ali, sabíamos porque o mundo continuava, a vida continuava, o correio chegava, a banda municipal tocava o desfile de valsas patetas dos sábados sob as palmeiras poeirentas e os candeeiros lânguidos da Plaza de Armas, e outros músicos velhos substituíam na banda os músicos mortos.

Nessa figura, o patriarca ganhava um caráter messiânico. Segundo Torre (2017, p. 173-182), o ditador de García Márquez corresponde a um ser mitológico, um personagem constante e que integra o inconsciente coletivo da América Latina. Objetivando que o patriarca fosse visualizado como um mito, García Márquez utilizou da tradição católica, criando um ser que se assemelha ao Messias. Nas crenças populares do país, o general possuía poderes como o de cura e o de controle da natureza.

Por exemplo, o patriarca era responsável por fazer raiar o dia.

assim que se acendiam as luzes do seu quarto de dormir, a alvorada da guarda presidencial mandava o aviso do novo dia ao vizinho quartel do Conde, e este repetia-o para a base de San Jerónimo, e esta para a fortaleza do porto, e esta voltava a repeti-lo para as seis alvoradas sucessivas que acordavam primeiro a cidade e a seguir todo o país (Márquez, 1975, p. 4-5).

Além disso, ele estipulava as horas e era visto, por muitos, como Deus.

[...] que o relógio da torre não desse o meio-dia ao meio-dia, mas sim às duas, para que a vida parecesse mais longa, e cumpria-se, sem um momento de vacilação, sem uma pausa. Políticos letrados e aduladores impávidos que o proclamavam corrector dos terremotos, dos eclipses, dos anos bissextos e de outros erros de Deus (Márquez, 1975, p. 5).

Outro aspecto interessante se relaciona com a imagem do ditador, articulando temáticas como pós-verdades, revisionismo histórico, memória e a função da literatura enquanto um meio de forjar a identidade nacional de um Estado. Esse diz respeito à forma como o patriarca era retratado nos livros de história.

as descrições dos seus historiadores ficavam-lhe largas, pois os textos oficiais das escolas infantis referiam-no como um patriarca de tamanho descomunal que nunca saía de casa porque não cabia pelas portas, que amava as crianças e as andorinhas, que conhecia a fala de alguns animais, que tinha a virtude de antecipar-se aos desígnios da natureza, que adivinhava o pensamento olhando simplesmente alguém nos olhos e conhecia o segredo de um sal de virtude para sanar as chagas dos leprosos e fazer andar os paráliticos (Márquez, 1975, p. 24).

Segundo Torre (2017, p. 190), a imagem do patriarca contida nos registros oficiais não correspondia à daquele homem encontrado morto na casa do poder. A memória oficial do país foi fabricada pela ditadura, por “seus historiadores”, criando a imagem de um ditador grandioso. Essa memória é imposta. Nas palavras do patriarca “não importava que uma coisa de então não fosse verdade [...] com o tempo há-de ser” (Márquez, 1975, p. 84). Aos olhos da população, “[...] sabíamos que nenhuma evidência da sua morte era terminante, pois havia sempre outra verdade atrás da verdade” (Márquez, 1975, p. 22).

O outono do patriarca (1975) consiste, com isso, em uma alegoria do autoritarismo – e sua contraditória natureza – na América Latina. Em Cheio de Goiaba, García Márquez diz ter buscado “fabricar um ditador com os retalhos de todos os ditadores que tivemos na América Latina” (2020, p. 61, tradução própria⁵). O nome do patriarca permaneceu desconhecido, sendo chamado, ao longo do livro, de “general” ou “presidente”. Torre (2017, p. 166-167) explica que isso se dá devido a tal intenção de mesclar as personalidades dos diferentes autocratas que governaram a região.

⁵ “[...] *fabricar un dictador con los retazos de todos los dictadores que hemos tenido en América Latina*”.

Na literatura, apontou-se, mais substancialmente, as semelhanças do patriarca com Rafael Trujillo, que governou a República Dominicana entre 1930 e 1961, e Juan Vicente Gómez, à frente da Venezuela de 1908 até 1935 (Mandagará, 2016).

Escrito em meio a escalada de regimes totalitários ao longo da segunda metade do século XX, sobretudo, os golpes de Estado da década de 1960 e 1970 na América Latina, *O outono do patriarca* (1975) foi assumido como um romance histórico⁶. Na obra, a relação do patriarca com outros ditadores latino-americanos, aproximando o livro com o contexto histórico-político em curso na região, pode ser observada na seguinte passagem do texto:

Em Dezembro, quando o mundo do Caribe se tornava de vidro, subia no coche pelas cornijas de rochas até à casa encarrapitada no cume dos recifes e passava a tarde a jogar dominó com os antigos ditadores de outros países do continente, os pais destronados de outras pátrias a quem ele tinha concedido asilo ao longo de muitos anos e que agora envelheciam na penumbra da sua misericórdia [...] gostava de sentar-se nas tardes de Dezembro, não tanto pelo prazer de jogar o dominó com aquela cáfila de inúteis mas para desfrutar da dita mesquinha de não ser um deles, para ver-se ao espelho de exemplo da miséria deles (Márquez, 1975, p. 9-10).

O outono do patriarca (1975) representa uma análise da herança de violência e dominação existente na América Latina, a qual é retratada na figura de uma única nação perpetuamente explorada desde os tempos dos colonizadores europeus, passando pelo intervencionismo estadunidense, até a tirania de déspotas domésticos.

No que se refere, em específico, à presença dos Estados Unidos no país fictício da obra, sem saída para a dívida externa, o patriarca vende o mar a uma potência estrangeira, condenando sua população “a viver defronte desta planura sem horizonte de áspero pó

⁶ Mais especificamente, Torre (2011) – por meio da obra do escritor e crítico literário uruguaio Fernando Aínsa, o artigo *La nueva novela histórica* (1991) – insere *O outono do patriarca* (1975) no grupo dos “novos romances históricos”. Isto é, obras que promovem uma releitura do passado, suprimindo as lacunas e deficiências da historiografia e dando voz ao que foi, por ela, silenciado outrora. O novo romance também extingue a distância épica presente nos romances anteriores, permitindo uma aproximação com o passado e favorecendo uma reflexão sobre passado e presente.

lunar cujos crepúsculos sem fundamento nos doíam na alma” (Márquez, 1975, p. 24). A escolha de uma nação no Caribe como o marco geográfico do romance é, portanto, representativa. Isto é, o Caribe foi a região onde o intervencionismo estadunidense foi especialmente intenso (Leal, 2021). Fazendo alusão ao apoio do último conferido aos regimes ditatoriais na América Latina, um fragmento do texto diz:

toda a gente diz, que o senhor não é presidente de coisa nenhuma nem está no trono pelos seus canhões, foram mas é os ingleses que o sentaram e os gringos que o sustiveram com o par de colhões do seu couraçado, que eu bem o vi a remexer-se de cá para lá e de lá para cá sem saber por onde começar a mandar de medo quando os gringos lhe gritaram que aqui te deixamos com o teu bordel de pretos a ver como é que te desenrascas sem nós (Márquez, 1975, p. 14).

Em adição, Torre (2017, p. 193) discorre que a escolha do mar para retratar tais realidades é emblemática, pois, ao longo da história latino-americana, foram nas ilhas do Caribe que chegaram – e se exilaram – muitos ditadores vizinhos depostos. Além disso, foi pelo mar que tanto as caravelas de Colombo quanto os navios de fuzileiros navais dos Estados Unidos desembarcaram na América Latina.

Além disso, combinando o aspecto eternizante do governo do patriarca e os simbolismos envolvendo o mar, vender o mar pode significar, também, a automática ausência do horizonte. Ou seja, a inexistência do fim daquele período de terror e subjugação. Na realidade, este foi, justamente, o marco que pareceu marcar o governo do patriarca: a miséria. Na obra, pode-se compreender que ela encontra-se simbolizada pela “multidão de leprosos, cegos e paráliticos, que suplicavam das suas mãos o sal da saúde” nas escadas do palácio imperial do patriarca (Márquez, 1975, p. 15).

Por último, menciona-se a enorme quantidade de filhos que o patriarca teve ao longo de sua vida. “Calculava-se que no decurso da sua vida devia ter tido mais de cinco mil filhos, todos sete mesinhos, das incontáveis amantes sem amor que se sucederam no seu orgulho enquanto esteve em condições de comprazer-se com elas” (Márquez,

1975, p. 24). Talvez, essa questão dos cinco mil filhos faça referência aos “vários filhos” do autoritarismo na América Latina. No Brasil, marcadamente após 2018, assistiu-se, no país, a ascensão da extrema direita e do conservadorismo reacionário, além da recuperação de símbolos e insígnias que aludem à época das ditaduras militares na região latino-americana.

5 HERANÇA E MEMÓRIA

De acordo com Mariana Schreiber (2022), um estilo nada discreto de governar marcou a presidência de Jair Bolsonaro (PL). Nos últimos quatro anos, o Brasil assistiu diariamente as suas declarações e aparições na porta do Palácio do Alvorada, em motocicletas ao redor do país e em *lives* nas redes sociais. No entanto, desde a sua derrota nas urnas em 30 de outubro para Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Bolsonaro fez apenas dois discursos públicos, totalizando cerca de cinco minutos totais de fala. Bolsonaro tornou-se o primeiro chefe do Executivo, desde a redemocratização, a não conquistar uma reeleição no Brasil. Após a terceira vitória do ex-presidente Lula em um segundo turno eleitoral, Bolsonaro tem se isolado no Palácio do Alvorada. Após quase um mês do segundo turno, ele compareceu apenas quatro vezes ao Palácio do Planalto (Nogueira; Holanda, 2022).

O auto-infringido isolamento do ex-presidente do Estado brasileiro parece remeter à posição adotada pelo patriarca (Márquez, 1975, p. 17):

pronto, compadre, pronto, acabou-se a brincadeira, de agora em diante vou mandar eu sozinho sem cães que me ladrem [...] não vou ter mais pessoal militar, nem oficiais, que catano, só servem para aumentar o gasto de leite e quando há chatice, é o que se vê, cospem na mão que lhes dá de comer, fico só com a guarda presidencial que é gente às direitas e valente e não volto a nomear nem gabinete de Governo, que catano, só um bom ministro da Saúde, que é a única coisa que é preciso na vida.

Tal atitude do patriarca deu-se devido ao seu descontentamento com a celebração de sua morte por grande parte da população. Morte essa que se trata de sua segunda, pois, em um de seus delírios, no qual García Márquez (1975) evidencia as nuances da paranóia e da megalomania que assombram o poder totalitário, o patriarca assassina Patricio Aragonés. O último andava pelo país no papel de um sócia do ditador latino-americano, devido à impressionante semelhança física entre ambos homens. Quando o patriarca toma conhecimento de tal fato, confina Aragonés aos limites de seu palácio, onde o intérprete começa a se passar pelo patriarca. Certo dia, o patriarca tira a vida de Aragonés na tentativa de satisfazer seu ego e saber como a população reagiria à sua morte. O romance aborda o “outono” desse general, seus últimos meses até a chegada do inverno: sua verdadeira morte.

No dia 26 de novembro de 2022, quase um mês após o resultado da eleição, Bolsonaro participou do seu primeiro evento público, a formatura de aspirantes a oficial-general na AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras, porém permaneceu em silêncio. O referido ex-presidente do Brasil foi mencionado no discurso do comandante do Exército de forma breve. “Estou seguro que a sua dignidade, seu culto à família, seu amor pelo Brasil, e inabalável fé em Deus serão referência na pavimentação dos caminhos que os jovens à sua frente trilharão a partir de hoje”, disse o general. Os termos utilizados pelo comandante recuperam os símbolos mobilizados por Bolsonaro e sua equipe nos últimos anos, os quais fizeram, repetidamente, parte do mote de sua campanha à presidência: Deus, pátria, família e liberdade (Nogueira; Holanda, 2022).

Na obra *O outono do patriarca* (1975), é possível observar os semelhantes temas sendo articulados, repetidas vezes, com a imagem do centenário ditador. Por exemplo, há o trecho abaixo:

os montões de lixo eram levados e trazidos de uma província para outra sem saber o que fazer com eles em procissões oficiais com a bandeira da pátria e grandes cartazes de Deus proteja o puríssimo que vela pela limpeza da nação, enquanto ele arrastava as lentas patas de animal meditativo em busca de novas fórmulas para entreter a população civil (Márquez, 1975, p. 19).

Apesar de sua aparente inércia, no período pós-eleições de 2022, segundo Jussara Soares e Daniel Gullino (2022), para o jornal *Extra*, Bolsonaro continuou articulando, silenciosamente, em favor de aliados. Nas três semanas em que ficou, praticamente, sem frequentar o Planalto, ele trabalhou pela aprovação dos desembargadores que indicou ao Superior Tribunal de Justiça (STJ), incentivou uma candidatura de oposição a Rodrigo Pacheco (PSD-MG) no Senado, nomeou um ex-ministro de seu governo para um posto do Executivo e participou da estratégia por meio da qual seu partido, novamente, questionou o resultado das urnas no TSE – Tribunal Superior Eleitoral, sem apresentar provas.

Na intenção de se fazer eterno, tal qual o patriarca, Bolsonaro não inaugurou as pautas, por ele, veiculadas – tampouco elas vão se encerrar com o fim de seu governo.

Nesse prisma, desde o começo de 2021, Bolsonaro passou a repetir, em público, que só Deus o tiraria do cargo, atribuindo a Ele sua própria eleição como presidente, em 2018. Segundo reportagem da revista *Veja*, ao se manifestar sobre os pedidos de impeachment contra ele, no dia 15 de abril de 2021, Bolsonaro disse: “Só Deus me tira da cadeira presidencial. E me tira, obviamente, tirando a minha vida” (Maia, 2022). Para o patriarca da obra de García Márquez, “o único documento de identidade de um presidente derrubado deve ser a certidão de óbito” (1975, p. 9-10).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, assim como a história, possui vínculos com o poder. Ambas dedicam-se a abordar os acontecimentos do passado, influenciando, portanto, a interpretação do presente e a invenção do futuro. Sendo assim, tanto a literatura quanto a história são garantidoras da memória e do esquecimento.

Nesse sentido, o presente trabalho abordou *O outono do patriarca* (1975) de Gabriel García Márquez. A obra foi escrita em meio à sucessão de golpes de Estado, que teve palco na América Latina, ao longo da década de 1960 e 1970, e instaurou ditaduras militares na extensão de toda a região. Tendo como o seu protagonista

um centenário ditador de um país latino-americano no Caribe, *O outono do patriarca* (1975) consiste em um romance histórico – ou um “novo romance histórico”. Associando a obra, também, ao gênero tipicamente latino-americano de romances de ditadores. García Márquez, por sua vez, sempre comprometido em retratar os caminhos e descaminhos da política na América Latina, apropria-se do realismo mágico como o recurso literário favorito para interpretar os acontecimentos *extraordinários* que se passam na região.

Através da figura do patriarca, ao fazer referência à subjugação impostas à América Latina devido à conquista e colonização europeia desse território, o intervencionismo estadunidense na região e os regimes de déspotas instituídos nas nações latino-americanas, García Márquez recupera uma narrativa que procura desvelar o poder. “Quando morre o patriarca e com ele tem fim a ditadura de longos anos, outras narrativas sobre o país surgem, colocando em xeque a História forjada pelo governo do patriarca”, explica Torre (2017, p. 191). Nesse sentido, *O outono do patriarca* (1975), certamente, trata-se de uma obra de denúncia. Porém uma denúncia nem um pouco obsoleta ou inócua.

Se, um dia, a literatura serviu ao Estado à vista de legitimar o poder dessa unidade central, o surgimento de novas narrativas faz com que os significados do passado sejam transformados. A literatura, enquanto garantidora da memória e do esquecimento, possibilita que imaginários nacionais – tratando-se, sobretudo, de grupos que foram, outrora, estigmatizados pela historiografia oficial – possam ser alterados. Da mesma forma que permite que vozes que foram silenciadas no decorrer dos acontecimentos sejam recuperadas. Semelhantemente, na América Latina, após o fim dessas ditaduras, surgiram inúmeros relatos e iniciativas na cena pública, lutando contra o esquecimento, a omissão de inúmeras informações e o ocultamento dos mais absurdos excessos cometidos nesse período. Nesse prisma, em *O outono do patriarca* (1975), García Márquez buscou, através de inúmeros recursos, fazer transparecer essa percepção na obra – sobretudo, através da narração.

Acima de tudo, *O outono do patriarca* (1975) fala sobre a solidão do poder, e sobre de que forma tal estado leva, em última instância, à degradação total desse poder. É possível chegar a tal constatação através de variados fragmentos do texto original. O patriarca “estava tão sozinho na sua glória que já nem inimigos lhe restavam” (Márquez, 1975, p. 18); “tinha tentado compensar aquele destino infame com o culto abrasador do vício solitário do poder (Márquez, 1975, p. 132); entre muitos outros. Como último exemplo, cita-se a emblemática frase, ao fim da obra, de alguém que encontrou o patriarca após a sua morte nos seus aposentos do palácio: “tinha chegado sem espanto à ficção de ignomínia de mandar sem poder, de ser exaltado sem glória e de ser obedecido sem autoridade” (Márquez, 1975, p. 132).

Sendo assim, é verdade que, por vezes, novas lideranças podem surgir na América Latina, tentando recuperar os símbolos, as insígnias e as pautas mobilizadas, anteriormente, pelos regimes de exceção; vestidos, apenas, de novas roupagens. Neste artigo, menciona-se o mais recente ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, como um exemplo de tal fenômeno. Porém, afirma-se, aqui, que a imagem do patriarca enquanto um homem que definha não diz respeito somente à “sua longuíssima vida de déspota solitário” (Márquez, 1975, p. 3), mas, também, ao fato de que quanto mais tempo ele passava à frente de um governo autoritário e bárbaro, mais aquilo o destruía. Tamanha crueldade não se sustenta por tanto tempo.

Sobre a morte do patriarca (Márquez, 1975, p. 133):

voando entre o rumor escuro das últimas folhas geladas do seu outono até à pátria de revãs da verdade do esquecimento, [...] e alheio aos clamores das multidões frenéticas que saíam para as ruas cantando os hinos de júbilo da notícia jubilosa da sua morte e alheio para todo o sempre às músicas de libertação e aos foguetes de satisfação e aos sinos de glória que anunciaram ao mundo a boa nova de que o tempo incontável da eternidade tinha finalmente acabado.

Por fim, a nível pessoal e o combinando com o trazido em sua obra, o que García Márquez sempre pareceu querer foi a América Latina, de forma autônoma, conjunta e

solidária, livre das espoliações que a condenaram a *cem anos de solidão*. Ao receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982, García Márquez disse:

Frente a esta realidade assustadora que através de todo o tempo humano deve ter parecido uma utopia, nós, os inventores de fábulas que acreditamos em tudo, nos sentimos no direito de acreditar que ainda não é demasiado tarde para empreender a criação da utopia contrária. Uma nova e arrasadora utopia da vida, onde ninguém possa decidir por outros até mesmo a forma de morrer, onde seja certo o amor e seja possível a felicidade. E onde as estirpes condenadas a *cem anos de solidão* tenham por fim e para sempre uma segunda oportunidade sobre a terra.

Em suma, estabelecendo uma relação entre um líder político fictício e um real, o presente artigo procurou projetar a literatura enquanto a configuração poética do real.

REFERÊNCIAS

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**. Goiânia, ano 1, nº 3, jun., 2010, p. 94-109.

CANDIDO, Antonio. Direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

MAIA, Gustavo. 'Só Deus me tira dessa cadeira', disse Bolsonaro. **Veja**. Brasília, 04 de novembro de 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/so-deus-me-tira-dessa-cadeira-disse-bolsonaro/>. Acesso em: 21/11/2022.

MANDAGARÁ, Pedro. Nós, os Outros: El Otoño del Patriarca. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**. Cascavel, nº 27, jan./jun., 2016, p. 33-50.

MÁRQUEZ, Gabriel García. A solidão da América Latina – Discurso de García Márquez no Nobel de Literatura. Trad. Antonio Pokrywiecki Neto. **Homoliteratus**. Online, 6 de agosto de 2016. Disponível em: <https://homoliteratus.com/solidao-da-america-latina-discurso-de-garcia-marquez-no-nobel-de-literatura/>. Acesso em: 20/11/2022.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **El olor de la guayaba: Conversaciones con Plinio Apuleyo Mendoza**. Madrid: Penguin Random House, 2020.

MÁRQUEZ, Gabriel García; LLOSA, Mario Vargas. **Duas solidões: Um diálogo sobre o romance na América Latina**. Trad. Eric Nepomuceno. São Paulo: Record, 2022.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **O Outono do Patriarca**. Trad. José Teixeira de Aguiar. São Paulo: Record, 1975.

MARTÍ, José. Prólogo al Poema del Niágara (New York, 1882). In: MARTÍ, José. **Obras Completas. Tomo 7**. Havana: Instituto de Filosofía, Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 223-238.

NOGUEIRA, Italo; HOLANDA, Marianna. Bolsonaro fica em silêncio diante de militares no primeiro evento público após derrota. **Folha de S. Paulo**. Brasília, 26 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/11/bolsonaro-fica-em-silencio-diante-de-militares-no-primeiro-evento-publico-apos-derrota.shtml>. Acesso em: 28/11/2022.

OLIVEIRA NETO, Gilberto Clementino de. O poder e a ambivalência da festa: um problema da soberania na literatura latinoamericana. **Revista Landa**. Florianópolis, v. 9, nº 1, 2020, p. 115-129.

QUEIROZ, Alexandre. “O medo da morte é o remorso da felicidade”: O Outono do Patriarca de Gabriel García Márquez, uma perspectiva histórica. **Faces da História**. Assis, v. 2, nº 2, jun./dez., 2015, p. 176-190.

RAMOS, Julio. **Desencuentros de la modernidad en América Latina: Literatura y política en el siglo XIX**. Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), 2021.

SCHREIBER, Mariana. Os movimentos de Bolsonaro depois da derrota para Lula (vídeo). **BBC (Brasil)**. Brasília, 28 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/media-63779053>. Acesso em: 29/11/2022.

SIMÃO, Luciano. Em tempos autoritários, ‘O Outono do Patriarca’ é leitura obrigatória. **Escotilha**. Online, 22 de março de 2021. Disponível em: <https://escotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/gabriel-garcia-marquez-o-outono-do-patriarca-e-leitura-obrigatoria-record-resenha-critica/>. Acesso em: 24/11/2022.

SOARES, Jussara; GULLINO, Daniel. Em ‘home office’ no Alvorada, Bolsonaro atuou por indicações e preparou estratégia para 2023. **Extra**. Brasília, 27 de novembro de 2022. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/politica/em-home-office-no-alvorada-bolsonaro-atuou-por-indicacoes-preparou-estrategia-para-2023-25616558.html>. Acesso em: 28/11/2022.

TORRE, Michelle Márcia Cobra. História e memória em O outono do patriarca de Gabriel García Márquez. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, nº 70, jan./jun., 2021, p. 334-358.

TORRE, Michelle Márcia Cobra. **Literatura, História e Memória em Gabriel García Márquez: Cem Anos de Solidão, O General em seu Labirinto e O Outono do Patriarca**. 2017. 237 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

TORRE, Michelle Márcia Cobra. O Outono do Patriarca e o Novo Romance Histórico. **Revista de Literatura, História e Memória**. Cascavel, vol. 7, nº 9, 2011, p. 49-62.

TORRE, Michelle Márcia Cobra. **Transculturação e dialogismo/pátria, nação e memória em O outono do patriarca**. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

VARA, Ana María. Las Venas Abiertas de América Latina: emblema del discurso antiimperialista. In: KOZEL, Andrés; GROSSI, Florencia; MORONI, Delfina (org.). **El imaginario antiimperialista en América Latina**. Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), 2015. p. 89-107.

Contribuição de Autoria

1 – Beatriz Leal

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM/USP)

Universidade de São Paulo

<https://orcid.org/0000-0001-9290-7897> • lealbeatriz@usp.br

Contribuição: Conceituação, Metodologia, Escrita – revisão e edição

Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

LEAL, B. A obra O outono do patriarca (1975) de Gabriel García Márquez: aproximações com o Brasil contemporâneo. **Literatura e Autoritarismo**, n. 44, e89245, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X89245> Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/89245>. Acesso em: xx/xx/xxxx.